

## Apresentação

---

O célebre escritor de ficção científica Isaac Asimov já havia dito que “o importante em matéria de ficção científica, até mesmo fundamental, é aquilo que efetivamente a fez surgir, ou seja, a percepção das mudanças produzidas pela tecnologia”. Hoje, contudo, a ordem parece invertida quando lemos algumas manchetes de jornal: “Amazon testa drones para agilizar entregas”; “Japoneses inventam óculos que traduzem textos em tempo real”; “Robô iraniano ensina crianças a rezarem na escola”; “Site deixa britânicos espiarem câmeras de segurança espalhadas pelas cidades”; etc. Agora é a ficção científica que faz surgir as mudanças produzidas pela tecnologia. Não é preciso recorrer aos “visionários” do gênero, como o próprio Asimov e seus robôs, para perceber que o mundo tornou-se ficção científica, que cada palavra ou imagem apenas antecipou o que já estava previsto.

Através do dossiê “Ficção científica: olhares multidisciplinares”, a revista *Semina: Ciências Sociais e Humanas* procura promover o debate em torno deste gênero plurimidiático, abordando-o enquanto ponto de convergência entre diversos saberes. Por meio de seus dispositivos diegéticos (alienígenas, cyborgs, viagens no tempo, planetas distantes, etc.), a ficção científica permite investigar idéias e temas a partir de uma perspectiva diferente daquela comumente disponível. Confrontado pela alteridade, pelo duplo ou pelo u(dis)tópico representado pelo alienígena, pelo andróide ou pela sociedade futura, por exemplo, o ser humano encontra-se diante de si mesmo ao olhar para o espelho da ficção científica.

A proposta do dossiê é compreender a ficção científica não a partir do suposto poder de previsão indevidamente atribuído ao gênero, mas sim a partir da atualidade, das questões lançadas ao presente através do imaginário tecnológico. Também não se deve ignorar o potencial pedagógico desse gênero, pensado justamente como forma de divulgação científica desde suas origens populares. Esse emaranhado de abordagens reflete apenas parcialmente a faceta multidisciplinar da ficção científica, sendo objetivo do dossiê explorá-la nessas e em outras formas.

A relação entre cinema e ficção científica é tão antiga quanto o próprio surgimento do cinematógrafo em 1895. Bastaram sete anos desde a invenção para Georges Méliès apresentar à sociedade parisiense *Le Voyage dans la Lune*, filme inspirado em romances populares de Jules Verne e H. G. Wells. Portanto, não é por acaso que o dossiê apresenta três artigos que abordam o cinema de ficção científica. O primeiro deles, **O gênero como órgão de memória em filmes de ficção científica**, de Carmen Irene Correia de Oliveira, trata justamente do conceito de memória de gênero (Bakhtin) a partir de *remakes* de ficção científica, compreendendo a intertextualidade como uma força dinâmica que estimula tanto a permanência quanto a mudança. Para a autora, os elementos que se propagam dentro do gênero sofrem algumas variações nas refilmagens, em função do contexto sócio-histórico, enquanto que a permanência é marcada pelos temas recorrentes.

Também explorando a longa tradição da ficção científica no cinema, Carlos Alberto Machado discute, em **Histórias futuristas mais antigas do que possam parecer: origem das idéias dos roteiros de ficção científica**, como vários *insights* dos filmes remetem-se às décadas de 1950, 1960 e 1970, períodos considerados férteis na literatura de ficção científica. Sendo assim, Machado busca desmistificar o título de visionário atribuído aos escritores e roteiristas. Em sua abordagem do cinema, o autor também reavalia os conceitos de ficção científica *hard* e *soft*, originários da crítica literária.

Em **Imagens em (ciber)guerra: representações do ciberconflito no cinema de ficção científica (2000-2012)**, Artur Matos Alves procura refletir sobre as representações de guerra virtual em filmes contemporâneos. Embasados principalmente na literatura *cyberpunk*, filmes como *Matrix*, *Aeon Flux* e *A origem* apresentam suas próprias visões a respeito de pirataria informática, *hacking*, engenharia social, entre outros temas. O autor oferece em seu artigo uma perspectiva sociopolítica sobre o conflito no ciberespaço, relacionando a emergência de suas representações ao contexto histórico atual da esfera digital.

Não se deve recriminar aqueles que, quando ouvem a palavra “ficção científica”, logo pensam em escritores famosos ou em *blockbusters* norte-americanos. Isto apenas reflete a predominância dos Estados Unidos nesse tipo de ficção. Entretanto, também existe ficção científica nos outros cantos do mundo, inclusive aqui na América Latina. Em **The Politics of Cyborgs in Mexico and Latin America**, M. Elizabeth Ginway aborda o tema do cyborg na ficção científica mexicana, comparando-o às representações em outros países latino-americanos. Desconsiderando conceitos de hibridação que desmerecem o sentido de diferença em favor do discurso de conciliação, a autora diferencia o cyborg mexicano das demais representações latino-americanas em sua abordagem de questões políticas não resolvidas do período de redemocratização.

O período de redemocratização também é analisado por Marcello Simão Branco em **Ventos de mudança: a ficção científica brasileira e a transição democrática**. Discutindo a historiografia da literatura de ficção científica brasileira, o autor questiona a denominação dada à produção dos anos 1970 e 1980 – “Onda Utópica/Distópica” –, pois este período não é homogêneo em termos temáticos. Ao invés de apenas criticar o regime civil-militar, cujo golpe completou 50 anos em 2014, a ficção científica brasileira também apresentava especulações sobre as alternativas que se ofereciam ao país no contexto de abertura política.

*Rodolfo Rorato Londero*  
*Editor de seção*